



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIA LEIDIANE ARAÚJO DA SILVA**

**EJA E GÊNERO - SIGNIFICADOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES  
DE UMA TURMA DE EJA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB: um estudo de  
caso**

**Campina Grande-PB**

**2014**

**MARIA LEIDIANE ARAÚJO DA SILVA**

**EJA E GÊNERO - SIGNIFICADOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES  
DE UMA TURMA DE EJA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB: um estudo de  
caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Pedagogia em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia  
pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elizabete Carlos do Vale

Campina Grande-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Maria Leidiane Araújo.  
EJA e gênero - significados da escolarização para mulheres de uma turma de EJA do município de Queimadas/PB [manuscrito] : um estudo de caso / Maria Leidiane Araújo Silva. - 2014.  
35 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale, Departamento de Educação".

1. Educação de jovens e adultos. 2. Mulher. 3. Escolarização. I. Título.

21. ed. CDD 374

MARIA LEIDIANE ARAÚJO DA SILVA

**EJA E GÊNERO - SIGNIFICADOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES  
DE UMA TURMA DE EJA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB: um estudo de  
caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Pedagogia em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia  
pela Universidade Estadual da Paraíba.

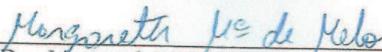
Aprovado em: 09 / 12 / 2014



Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale - UEPB  
Orientadora



Profa. Dra. Patrícia Cristina Araújo Aragão - UEPB  
Examinador



Profa. Dra. Margareth Maria de Melo - UEPB  
Examinadora

CAMPINA GRANDE/PB  
2014

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos membros de minha família (Mãe, Pai, irmãos, Avôs e meu Noivo) por terem contribuído para meu crescimento tanto profissional quanto pessoal, através de grandes palavras de autoestima, que me fortaleciam e me tornavam mais confiante em minhas atitudes e além de tudo por terem confiando e investido no meu potencial profissional.

Dedico também, a todas as mulheres que as turmas de Educação de Jovens e Adultos e que acreditam ser possível construir um mundo diferente através do processo de escolarização. Mulheres guerreiras que são exemplos de coragem, determinação e fr

## AGRADECIMENTOS

Sem a contribuição de algumas pessoas este trabalho não se tornaria realidade. Portanto aproveito este espaço para demonstrar meu carinho e minha gratidão a elas.

O meu primeiro agradecimento só poderia ser a Deus, que sempre me livrou de todos os males e me guiou pelo caminho certo, agradeço por todas as bênçãos derramadas em minha vida, pela proteção diária e pelo conforto nas horas difíceis.

Ao meu Pai e minha Mãe, por sempre me apoiarem em minhas escolhas, por terem sido a base para alcançar tudo que almejei até hoje e por acreditarem que seria capaz de superar todos os obstáculos que surgissem na trilha da minha vida e por me motivarem a nunca cruzar os braços diante dos obstáculos.

Aos meus irmãos, Rayane e Luam Cryz que sempre me recebiam com muito amor e carinho e um belo sorriso no rosto, dando-me forças para vencer o cansaço e as dificuldades.

Aos meus avôs que sempre se fizeram presentes em minhas lutas, em especial a minha avó Antonia que presenciou cada etapa de sofrimento e superação durante os 4 anos universitários, sempre me mimando e me enchendo de muito carinho e amor, assim como a minha avó Adiles, apesar de não estar diariamente comigo, agradeço pela força através da oração que me ajudaram nos momentos mais difíceis.

Ao Mauricio, por ser uma mistura saudável de namorado, noivo, amigo, cúmplice e protetor, por compreender meu cansaço, minhas falhas, meus abusos e minhas exigências.

Ao Gilson, por ter agido como um verdadeiro amigo e anjo da guarda.

A Nelsa, Antonietta e Antônio Júnior, por terem me ajudado a enfrentar os problemas profissionais nos momentos em que o curso exigia ao máximo a minha atenção, fazendo-me deixar em 2º plano as demais atividades diárias.

O Clodoaldo (motorista que transporta as crianças especiais) que me acolheu em um momento muito difícil por qual passei, me disponibilizando carona até a Universidade, quebrando assim as regras da secretaria de transporte.

A Daniely, minha prima que por muitas vezes me ajudou a driblar os obstáculos da vida, agindo como verdadeira irmã.

Aos meus alunos da EJA por agirem não como alunos, mas como grandes amigos, sendo companheiros de todas as horas e compreendendo as minhas necessidades.

As grandes e inesquecíveis amigas universitárias (Maira Souza, Andrea Santa Cruz, Maria Roseane, Izabelle Santana, Joelma Freitas e Ednalva) por estarem ao meu lado nos momentos de alegrias e de dificuldades, por terem me ajudado a superar muitos dos meus limites, por serem compreensivas e por acima de tudo serem minhas confidentes.

Como não poderia faltar, agradeço a minha querida professora/orientadora Elizabete vale, por ter passado de orientadora a uma grande amiga, com seu jeito cativante e sincero, por ser uma mulher de boas atitudes e de bons exemplos e por ter tido paciência e dedicação comigo.

As instâncias de Educação que permitiram a minha inserção no campo de pesquisa.

A todas as mulheres que algum dia foram privadas de dar sequência aos seus estudos e um dia tiveram a ousadia de retomá-los em um curso de Jovens e Adultos. Essas mulheres são razão deste estudo e me motivam a lutar por uma educação mais direcionada aos seus interesses.

Um agradecimento especial a todas as professoras e professores da Universidade Estadual da Paraíba, pessoas dedicadas e comprometidas que contribuíram para que me tornasse a profissional de hoje.

Agradeço, com muito carinho, às colaboradoras desta pesquisa, pela paciência, disponibilidade durante as entrevistas, amorosidade e interesse em contribuir.

Em fim, a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho, que me garante o título de Pedagoga, etapa tão importante e marcante em minha vida.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>               | <b>09</b> |
| <b>2. METODOLOGIA .....</b>             | <b>10</b> |
| <b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>     | <b>12</b> |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b> | <b>19</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>     | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                 | <b>29</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                    | <b>31</b> |

**EJA E GÊNERO - SIGNIFICADOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES DE UMA TURMA DE EJA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB: um estudo de caso**

**SILVA, Maria Leidiane Araújo<sup>1</sup>.**

**RESUMO**

Esta pesquisa desenvolveu-se junto às mulheres alunas do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos/EJA, da cidade de Queimadas/PB, tendo como objetivo central refletir sobre a influência da condição feminina na busca por escolarização, focalizando o quanto e como a educação escolar tem alterado a qualidade de vida dessas mulheres e o quanto isto influencia na sua inserção social. Desse modo o respectivo trabalho abrange elementos de pesquisa qualitativa, sendo utilizada para coleta dos dados a entrevista semiestruturada, dessa forma, a interpretação e análise dos dados, ocorreu através das entrevistas, a fim de analisar e confrontar os dados ao contexto teórico e nesse sentido os resultados apontam que mesmo advindo de um passado histórico marcado por dificuldades e pela desvalorização pessoal, aos poucos, as mulheres estão superando o estado de submissão a que foram submetidas, historicamente pela sociedade machista. Nesse sentido consideramos que o processo de escolarização das mulheres tem contribuído principalmente, para o resgate da sua autoestima e para um maior empoderamento das mesmas.

**Palavras chave:** EJA. Mulheres. Escolarização.

**1. INTRODUÇÃO**

A discussão sobre a importância da alfabetização da mulher, das camadas mais pobres da população, vem ganhando espaço na agenda das grandes conferências e no plano das políticas educacionais. De acordo com Fúlvia Rosemberg (2001), citada por Nogueira (2003), a tríplice aliança, formada pelas organizações multilaterais (UNICEF, UNESCO, Banco Mundial, etc); movimento de mulheres e governos nacionais, levantam a bandeira da educação da mulher com objetivo de reduzir a pobreza e possibilitar o desenvolvimento sustentável. “Todos reconhecem a necessidade de se implementar políticas que objetivem eliminar as discriminações contra as mulheres, inclusive as desigualdades de gênero em relação à alfabetização e à educação” (NOGUEIRA, 2002, p.66 ).

Sabemos que para trabalhar com jovens e adultos é necessário conhecer a realidade dos sujeitos que a constitui, sua história de vida, suas experiências, frustrações e expectativas em relação à educação e particularmente, as motivações que fazem com

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: [leydianearaujo2013@gmail.com](mailto:leydianearaujo2013@gmail.com)

que voltem a frequentar a escola. Tais aspectos exigem como afirma Vale (2012) respeitar as particularidades de cada indivíduo que, apesar das dificuldades e limites impostos pela dureza da vida cotidiana, ousam voltar à escola. Ou seja, “exige compreende-los como sujeitos sociais e culturais que chegam às escolas com identidades de classe, raça, etnia, gênero, território, entre outros” (ARROYO, 2005, p.68).

Diante a realização desse estudo constatamos que historicamente as mulheres têm-se constituído um público específico da EJA, muitas vezes por meio de preencherem maior inserção em projetos de escolarização que passam a atender mulheres em sua maioria mais adaptáveis que parecem ser os rituais e à disciplina da vida escolar, nesse sentido a problemática do presente trabalho evidencia nossa inquietação acerca da presença marcante das mulheres nos programas de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Desse modo, a partir da nossa experiência como professora de EJA do município de Queimadas/PB; dos estudos realizados no Componente Curricular: EJA; do trabalho de pesquisa de PIBIC (Programa Institucional de Iniciação Científica) sobre essa temática e fundamentalmente, dada a importância e atualidade do tema, focalizamos no presente trabalho a relação entre a EJA e as questões de gênero. Desse modo, apresentamos um recorte de nossa pesquisa de PIBIC desenvolvida durante o período de agosto de 2013 a agosto de 2014 no município de Queimadas/PB, tendo como objetivos: refletir sobre a influência da condição feminina na busca por escolarização; dialogar com os motivos que afastaram as mulheres da escola no passado, identificar as razões que as incentivam a estudar e compreender suas expectativas atuais em relação à escola.

## **1.1. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, prioriza procedimentos descritivos que contribuem para o entendimento do fenômeno a partir das suas diversas dimensões. Sobre esse aspecto, nos reportamos a André (2013) que afirma que:

Estudos de caso podem ser usados em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural. Na perspectiva das abordagens qualitativas e no contexto das situações escolares, os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruir os processos e relações que configuram a experiência escolar diária (ANDRÉ, 2013, p.97).

Definimos como campo empírico a Escola Municipal Maria Geraldo de Brito situada na comunidade rural denominada por Sítio Quixabas localizado no município de Queimadas/PB. A referida escola está localizada no centro da comunidade rural, tendo sido fundada em 18-08-1969 na gestão de Sebastião de Paula Rêgo, a qual atendia alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, atuando dessa forma durante 35 anos, posteriormente veio a ser desativada durante 04 anos por falta de alunos e foi apenas no ano de 2009 que ela foi reativada para dá assistência aos alunos do Programa Brasil Alfabetizado, desde então, permanece ativa. Atualmente oferece atendimento no turno da manhã, para alunos de 2º ao 5º do ensino regular, como também comporta duas turmas de EJA no horário noturno. Para obtenção dos dados utilizamos a observação participante e a entrevista semiestruturada (ver em apêndice).

Dado que a abordagem central da pesquisa é a presença da mulher na EJA, para a concretização do trabalho recorremos aos estudos de gênero e seus entrelaçamentos com a educação e mais especificamente com a educação de jovens e adultos, buscando alguns dos principais conceitos utilizados para a análise dos dados. Contamos com a interlocução de um total de 12 mulheres/alunas do 1º segmento da EJA, a escolha dessas mulheres se deu a partir do convite e disponibilidade das mesmas em participar da pesquisa. Na organização dos dados levamos em conta alguns aspectos, como: diferentes idades e situação civil; viverem a condição de provedoras; serem mães e terem histórias de sucessivos “abandonos” e retornos à escola.

Como referencial teórico, dialogamos com autores que abordam a temática “mulheres/gênero e EJA, como: Almeida (2000), Bastos (2011), Carvalho (2003), Lopes (2003), Rosemberg (2000), dentre outros.

Desse modo, o presente trabalho é estruturado em 03 capítulos. Na introdução, situamos sobre a temática, os objetivos do trabalho e o percurso metodológico; no primeiro capítulo intitulado de “A educação de jovens e adultos no Brasil e a perspectiva de reparação de uma dívida social para com as mulheres”, abordamos um pouco sobre os principais momentos que marcaram a história da EJA procurando fazer uma ligação com a problemática central do trabalho que focaliza sobre a questão da condição feminina e a busca por escolarização. No segundo capítulo abordamos o trabalho empírico desenvolvido junto às mulheres/alunas de uma escola da rede municipal da cidade de Queimadas/PB, e por último, apresentamos as considerações finais do trabalho.

## **2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E A PERSPECTIVA DE REPARAÇÃO DE UMA DÍVIDA SOCIAL PARA COM AS MULHERES.**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) começou a delimitar seu lugar na história da educação brasileira a partir da década de 1930, consolidando-se como sistema público de educação elementar apenas na década de 1940 (HADDAD, DI PIERRO, 1998).

Assim a década de 40 foi marcada por algumas iniciativas políticas e pedagógicas que ampliaram a educação de jovens e adultos como: a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) em 1947; a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) em 1952 e, ainda nos anos 50, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA).

Apesar de todos os limites e críticas a essas campanhas de EJA, foi este conjunto de iniciativas que permitiu que a educação de adultos se firmasse como uma questão nacional.

A década de 60 foi considerada como uma espécie de divisor de águas na história da EJA dada à grande influência do pensamento de Paulo Freire sobre o papel da educação e da cultura no processo de transformação social. Esse período constituiu-se como um momento especial no campo da educação de jovens e adultos, especialmente, dada a relação estabelecida entre a EJA e a educação popular. Como afirma Vale (2012, p. 58) é nesse período de efervescência política e cultural, e de “intensificação das lutas e movimentos sociais, que eclodem diversos movimentos de educação e cultura popular voltados para o trabalho de educação de adultos, ligados a entidades estudantis, universidades, igrejas, intelectuais e poder público”.

Os movimentos mais conhecidos foram: o Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura (CPC), órgãos culturais da UNE; o Movimento de Educação de Base (MEB) vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); a campanha “De Pé no chão Também se Aprende a Ler”, da Secretaria Municipal de Educação de Educação de Natal, entre outros.

Porém, em 1964 com o golpe militar todos esses movimentos de educação e cultura popular foram duramente reprimidos, a exceção do MEB, dado o seu vínculo com a CNBB. A EJA na década de 70 sob a ditadura militar teve como marca central as ações desenvolvidas através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e o Ensino supletivo, sendo este último implantado em 1971.

No início da década de 80, a sociedade brasileira viveu importantes transformações sócio-políticas com o fim dos governos militares e a retomada do processo de democratização, período esse em que estudantes, educadores, movimentos sociais e políticos organizaram-se em defesa da escola pública e gratuita para todos. No campo da EJA, em 1985 o MOBRAL foi extinto, sendo substituído pela Fundação EDUCAR. No entender de Vale (2012):

A década de 1980 encerrou-se, para a educação de adultos, assinalando uma maior visibilidade, com a promulgação da Nova Constituição Federal, em 1988. A Constituição, pela primeira vez na história da educação brasileira, consagrou a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos os brasileiros, transformando-a em “direito público subjetivo” (VALE, 2012, p. 61).

Desse modo, conforme os vários estudiosos da EJA destacam, mesmo sendo gradativamente reconhecida como um direito para milhões de pessoas que não tiveram oportunidade de realizar sua escolaridade, esse direito só foi formalizado em lei como dever de oferta obrigatória pelo estado brasileiro, a partir da Constituição de 1988, e reafirmado pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Mesmo assim, não se implantou nacionalmente uma política para EJA, nem se concretizou como decorrência da conquista desse direito, um sistema nacional articulado de atendimento que permita que todos os cidadãos e cidadãs acima de 14 anos possam, pela escolarização acessar o direito a educação (HADDAD. Apud DI PIERRO,1998). É neste sentido que Soares (2002) defende que a EJA configure-se como um direito a partir da compreensão de que a mesma:

Representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na instituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea. (SOARES, 2002, p. 32).

Nos documentos orientadores das políticas públicas de EJA produzidos no Brasil ao final do século XX, defende-se que mesma pode auxiliar na eliminação das discriminações e desigualdade social na busca de uma sociedade mais justa na medida

em que propicie a inclusão do conjunto de brasileiros historicamente, excluídos dos direitos sociais, entre estes, a educação. Assim, os recentes documentos de EJA como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) tratam a educação de jovens e adultos como uma dívida social a ser reparada, devendo, portanto, assumir a tarefa de estender a todos o acesso e o domínio da escrita e da leitura como bens sociais, seja na escola, seja fora dela.

O Parecer CNE/CEB 11/2000 e a Resolução CNE/CEB 1/2000, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), atribuem a essa modalidade da educação básica a função de reparação da dívida social resultante da história excludente do nosso país. Esses documentos legais, ao adotarem a ideia da inclusão educacional, fazem a defesa do atendimento de alunos que não tiveram, na idade própria, acesso ou continuidade de estudo. Mais do que um direito, a EJA é considerada a chave para o século XXI, por ser resultante do exercício da cidadania e condição para a participação plena na sociedade, incluindo aí a qualificação e a requalificação profissional (BRASIL 2002).

Entendemos assim como Vale (2012) que pensar a escolarização, sobretudo no campo da EJA, significa discuti-la na perspectiva dos sujeitos que a compõe, o que implica indagar: quem são os sujeitos (alunos/as) da EJA? Que trajetórias, experiências, expectativas, saberes, frustrações, intenções, desejos trazem esses/as alunos/as? Ainda de que acordo com Vale (2012), estudos de diversos autores que refletem sobre EJA, como Oliveira e Paiva (2007); Haddad e Di Pierro (2000), dentre outros, bem como, as práticas vivenciadas no cotidiano escolar,

Demonstram que o que define os sujeitos de EJA inseridos nas escolas não é apenas a especificidade etária, mas prioritariamente o traço cultural, ou seja, sua condição de excluídos da escola regular. Para os autores, isso exige um olhar mais sensível para as especificidades desses sujeitos, reconhecendo que os educandos da EJA ao tentarem retornar a escola, trazem consigo as marcas da exclusão e do abandono do sistema de ensino, o que remete, entre outros aspectos, pensar a EJA e os sujeitos que a constitui para além da ideia das carências educativas, ou seja, compreender como sujeitos sociais e culturais que chegam às escolas com identidades de classe, raça, etnia, gênero, território, entre outros (VALE, 2012, p. 26).

No que se refere à mulher como presença marcante na EJA, como destaca Soares (2003), percorrer as trilhas das histórias de vida das mulheres adultas nos leva a considerar que alunos/as de EJA têm sexo, raça, religião, nacionalidade, como também estão inseridas em relação de gênero.

## **2.1. Gênero e EJA: a especificidade da condição feminina na busca pela escolarização.**

De acordo com dados do IBGE, no ano 2000, 12,9% das mulheres brasileiras com mais de 15 anos não sabiam ler nem escrever. O percentual caiu para 9,1% em 2010, aumentando a vantagem que já era observada em relação aos homens, que tiveram redução de 13% para 9,8%. Entre as mulheres brancas, a taxa diminuiu de 8,6% para 5,8%. Já em relação às mulheres negras ou pretas, conforme definição do IBGE, a queda se deu de forma mais intensa, de 22,2% para 14%, mas o patamar ainda permanece 8,2 pontos percentuais acima das brancas. As mulheres pardas também tiveram uma redução mais expressiva que as brancas, de 17,9% para 12,1% (LISBOA, 2014).

Ainda de acordo com o IBGE os avanços na alfabetização das mulheres inverteram uma desvantagem histórica, que ainda aparece na taxa de analfabetismo de pessoas com mais de 60 anos, em 24,9% entre os homens e 27,4% entre as mulheres. Na população de 15 a 29 anos, as mulheres registram taxa quase duas vezes menor que a dos homens, com 1,9%, contra 3,6% deles. A vantagem feminina se mantém na faixa etária de 30 a 59 anos, que incide sobre elas com 8,5% e sobre eles com 10,3%. A Região Nordeste, apesar de ter registrado uma queda mais acentuada, ainda é a que mais sofre com o analfabetismo entre as mulheres, com taxa de 16,9%, seguida pela Norte, com 10,3%. Sul, Sudeste e Centro-Oeste registram valores bem inferiores, de 5,4%, 5,7% e 6,9%, respectivamente (LISBOA, 2014).

Apesar do salto quantitativo advindo da presença da mulher no processo de escolarização, é possível constatar que os aspectos sociais e econômicos foram fatores determinantes na história escolar das mulheres brasileiras, visto que o maior índice de analfabetismo (antigamente e atualmente) advém das classes mais pobres da sociedade, através dessa expressão, pode-se dizer que o processo de escolarização pode “transformar” a vida social de cada um, mudando assim, suas necessidades e carências. Ou como afirma Rosemberg (2001, p. 526): “A alfabetização da mulher, além de influenciar de maneira positiva nos índices de matrícula, na assistência, na permanência e no rendimento escolar dos filhos, possibilitaria a diminuição dos índices de natalidade e contribuiria para melhorar a nutrição e a saúde familiar”.

Sobre a busca por processos de escolarização das mulheres nas turmas de educação de jovens e adultos, nos reportamos a Vale (2012) que ressalta que diversas

pesquisas apontam para o fato de que as mulheres representam um fenômeno estatístico significativo nas turmas de EJA e, muitas vezes, sinalizam a maioria ou quase a totalidade dos estudantes em sala de aula, especialmente na alfabetização e séries iniciais. Para a autora, tais aspectos fazem com que a EJA se configure no imaginário social hegemônico como um espaço predominantemente feminino, em virtude das trajetórias de negação do direito ao estudo, sofrido por muitas mulheres, sobretudo nos grupos sociais mais conservadores. Entretanto, como destaca Bastos (2011) apesar de ainda persistirem muitas questões a enfrentar como a desigualdade salarial entre homens e mulheres na mesma função profissional, no campo educacional, só as gerações mais velhas revelam a discriminação de há sessenta - setenta anos contra as mulheres, época em que predominava a falta de oportunidades educacionais e/ou, não era dada importância à ida a escola, o saber ler e escrever, o conhecimento sistematizado.

A partir de estudos da história da educação brasileira é possível afirmar que a educação escolar brasileira foi e ainda é extremamente dual, tanto do ponto de vista de classe, quanto de raça e de gênero, ou seja, a educação de qualidade era reservada a elite branca masculina. Do ponto de vista da condição de gênero, por longo tempo, o privilégio de frequentar a escola era reservado aos homens, restando às mulheres adquirir habilidades que estivessem relacionadas apenas para as atividades do lar. Desse modo, como enfatiza Louro, citada por Bastos (2011, p. 62), seria errado compreender “a educação das meninas e dos meninos como processos únicos e universais, já que a divisão de classes, de etnia e de raças tinha um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. Ou seja, a educação dada aos meninos era diferente da educação voltada para meninas, pois, ambos eram preparados para terem comportamentos e papéis sociais distintos.

Aos homens era destinada a instrução e a educação mais ampla para o desenvolvimento do intelecto e às mulheres destinava-se a educação doméstica e a formação do caráter e da moral numa perspectiva de submissão ao homem (LEITÃO, 1981). Assim, a educação destinada às mulheres tinha um caráter disciplinador, tanto do corpo quanto da mente. A mesma era regida pela rigurosidade familiar e religiosa onde o respeito, a honestidade e a obediência eram consideradas como princípios primordiais (ALMEIDA, 2000). De acordo com Floresta (1953), citada por Bastos (2011):

Não se considerava o desenvolvimento intelectual das meninas como benefício em si mesmo nem como meio de realização da personalidade individual. O propósito principal da educação da mulher era conservar a pureza, em sua conotação social e sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade [...] em um

tempo em que o programa de estudos para elas se atinha, na maioria dos casos, ao ensino da costura e dos bons modos (FLORESTA, *Apud* BASTOS, 2011 p. 36).

Vale salientar que não é possível compreender o papel da mulher na sociedade a partir de uma perspectiva homogênea. É preciso compreender que os papéis desempenhados pelas mulheres em determinados momentos históricos brasileiro são definidos a partir de uma perspectiva hierárquica mais ampla de classe e raça. Assim, o papel da mulher branca rica, por exemplo, era gerenciar as escravas que trabalhavam em suas casas em relação à organização do lar e de como cuidar dos filhos do patrões, enquanto que a mulher branca/pobre e a mulher negra tinham outros papéis conforme destacado por Bastos (2011):

A mulher branca pobre, em geral, não tinha muita opção de futuro. Grande parte se prostituía em troca de algum dinheiro ou mercadoria. Outras casavam-se com homens igualmente pobres, já que o matrimônio com mulheres de condição social inferior não era permitido pela sociedade. Não tinham acesso à educação formal e informalmente não tinha quem as educasse. Já a mulher negra escrava, (...) possuía o destino mais triste: a maioria se prostituía alugadas por senhores, na mais brutal e completa escravidão. Não tinha acesso a escolas e nenhuma educação, mesmo que informalmente. O casamento, para essas mulheres, quase não existia (BASTOS, 2011, p. 29).

Advindo de uma negação evidente da história brasileira, as mulheres (principalmente das camadas populares) sofreram e ainda sofrem grandes dificuldades para conseguirem sobreviver e exercer seus direitos, diante uma sociedade machista, repleta de desigualdades e preconceitos. Entretanto, conforme destaca Vale (2012), apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres é importante ressaltar que esse quadro de submissão e opressão aos poucos vem sendo rompido. Um dos fatores que contribuíram para essa mudança foram às lutas e mobilizações realizadas pelos movimentos feministas (que visavam em primeira instância à igualdade de gênero e a garantia dos direitos civis), pois através destes, as mulheres conseguiram conquistar um espaço maior na sociedade, como: o direito ao voto, ao estudo, a ocupar cargos políticos e militares e atuar em diversas áreas profissionais. Sobre esse aspecto, a autora reporta-se a Scott (1992) que afirma que “falar de gênero é abordar as questões políticas, no que diz respeito à compreensão das relações de poder que se estabelecem na sociedade. O gênero remete, portanto, não apenas a diferença entre os sexos na vida social, mas também as diferenças dentro das diferenças” (SCOTT, *Apud* VALE, 2012. P.22).

Falar de gênero é muito mais que relatar as diferenças entre sexo. Gênero não se limita a simples dados sobre homens e mulheres, dessa forma, não devemos classificar as funções de gênero a partir da roupa, da cultura ou do comportamento dos sujeitos, visto que, os significados destinados para cada sujeito são criados pela sociedade e podem ser alterados diante da realidade do contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido:

Gênero se refere, portanto, ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto, ou então como elas são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. Privilegia-se o conceito de gênero não relacionado aos papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção de identidade de mulheres e homens no interior das práticas sociais. Nesse sentido, a escola, como espaço social para a formação de homens e mulheres é um espaço generificado, isso é, atravessado pelas representações de gênero (BASTOS, 2011, p. 36).

Dessa forma, pode-se afirmar que aos poucos as mulheres estão conseguindo conquistar e ampliar seus direitos no atual contexto histórico, ou seja, que a situação de histórica submissão da mulher vem sendo modificada a cada dia, fazendo com que estas ocupem um maior espaço social a partir da busca por escolarização e por melhoria na qualidade de vida. No que se refere à busca pelo direito a escolarização, Soares (2006) afirma que:

A questão relacionada à educação da mulher, em especial à alfabetização, vem ocupando espaço privilegiado, desde a última década do século passado, na agenda das grandes conferências internacionais e dos organismos nacionais [...] como fruto das reivindicações a valorização da mulher e o reconhecimento dos seus direitos, a condição feminina passou a constituir tema obrigatório na agenda internacional da Organização das Nações Unidas- ONU. (SOARES apud NOGUEIRA, 2006, p. 76).

Rosemberg (2001) defende que a alfabetização da mulher, além de influenciar de maneira positiva nos índices de matrícula, na assistência, na permanência e no rendimento escolar dos filhos, possibilitaria a diminuição dos índices de natalidade e contribuiria para melhorar a nutrição e a saúde familiar. Desse modo, é possível depreender que o processo de escolarização representa uma importante conquista do direito à educação e os desdobramentos desta na vida das mulheres, tanto do ponto de vista econômico-social quanto do ponto de vista subjetivo. Ou seja, além de contribuir para a melhor atuação da mulher na sociedade em geral, a partir de um maior empoderamento da mesma, melhora sua autoestima.

### 3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB

A cidade de Queimadas é localizada na região metropolitana de Campina Grande, no agreste paraibano, sendo esta, Distrito de Campina Grande até o dia 14 de dezembro de 1961, ano da sua emancipação política. O município dispõe de um patrimônio cultural riquíssimo, onde podemos encontrar uma diversidade de sítios arqueológicos, alguns prédios antigos que permanecem com sua estrutura histórica, além de ser circundada por boa parte da Serra Bodopitá. Em relação à herança cultural (indígena e africana) é possível citar o coco-de-roda, que já é tradição a mais de 200 anos, sendo este exercido especialmente, na Zona Rural através de eventos, como: Novenas de ternos (evento religioso, no qual a comunidade pernoita festejando o santo homenageado), festas juninas, como também, a tradicional Festa de Reis, realizada anualmente entre os dias 03 e 05 do mês de janeiro na cidade.

No que se refere à população do município de Queimadas, de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2013 a população total do município era de 42.586 habitantes, dos quais, 19.963 são homens e 21.113 mulheres, assim distribuídos, conforme tabela abaixo:

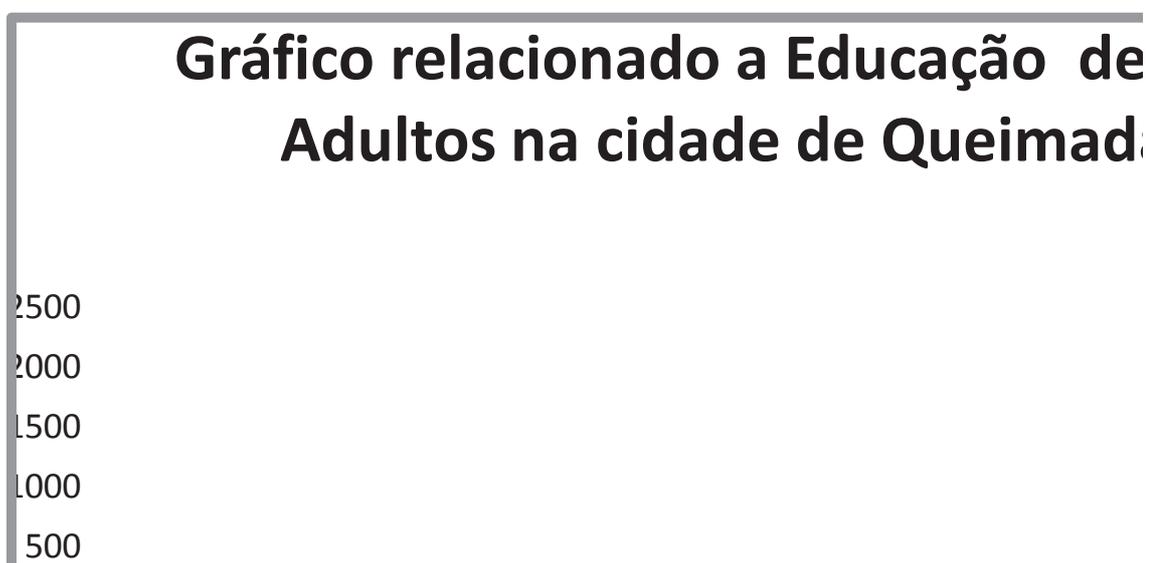
| Idade               | Queimadas |          |
|---------------------|-----------|----------|
|                     | Homens    | Mulheres |
| <b>0 a 4 anos</b>   | 1.326     | 1.271    |
| <b>5 a 9 anos</b>   | 1.831     | 1.775    |
| <b>10 a 14 anos</b> | 2.131     | 2.059    |
| <b>15 a 19 anos</b> | 2.042     | 2.138    |
| <b>20 a 24 anos</b> | 1.796     | 1.961    |
| <b>25 a 29 anos</b> | 1.628     | 1.671    |
| <b>30 a 34 anos</b> | 1.429     | 1.496    |
| <b>35 a 39 anos</b> | 1.383     | 1.463    |
| <b>40 a 44 anos</b> | 1.276     | 1.413    |
| <b>45 a 49 anos</b> | 1.044     | 1.128    |
| <b>50 a 54 anos</b> | 832       | 876      |
| <b>55 a 59 anos</b> | 654       | 800      |
| <b>60 a 64 anos</b> | 685       | 801      |
| <b>65 a 69 anos</b> | 512       | 606      |
| <b>70 a 74 anos</b> | 427       | 481      |
| <b>75 a 79 anos</b> | 245       | 334      |
| <b>80 a 84 anos</b> | 186       | 247      |
| <b>85 a 89 anos</b> | 147       | 165      |

| Idade            | Queimadas |          |
|------------------|-----------|----------|
|                  | Homens    | Mulheres |
| 90 a 94 anos     | 48        | 72       |
| 95 a 99 anos     | 7         | 27       |
| Mais de 100 anos | 2         | 9        |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2010

Quanto ao índice de analfabetismo de Queimadas/PB, dados do IBGE apontam que a população analfabeta com 15 anos ou mais de idade é 7.736, correspondendo a um percentual de 32,9%. A taxa de analfabetismo de Queimadas está bem acima do índice da Paraíba que é de 21,6%, um índice extremamente elevado, correspondendo a terceira pior taxa de analfabetismo do país, ficando atrás apenas de Alagoas (24,6%) e Piauí (23,4%), enquanto a média nacional em 2010 estava em torno de 9,6%.

Em relação à oferta de EJA em Queimadas, dados fornecidos pela Secretaria de Educação do município indicam que em 2013 foram matriculados 1.879 alunos no Ensino Fundamental I, distribuídos em 106 turmas, deste total, 10 foram fechadas por inexistência de estudantes, restando 96 turmas, sendo que destas, 20 turmas se localizavam na zona urbana e 76 na zona rural, conforme gráfico abaixo:



Fonte: Secretaria da Educação (SEDUC): Censo 2013

Já no corrente ano (2014), os dados disponibilizados pela Secretaria de Educação apontam que o número de alunos matriculados na EJA referente ao 1º segmento é de 2.827, subdivididos em 58 escolas, sendo 51 localizadas na Zona Rural e 07 na Zona Urbana.



Fonte: Secretaria da Educação (SEDUC): Censo 2014

No que diz respeito aos dados obtidos, atualmente (2014) o número de alunos que ingressam nas turmas de EJA em Queimadas/PB duplicou em relação ao ano anterior (visto que em 2013 o número de alunos matriculados foi de 1.879 e no corrente ano foi de 2.827) assim como, o total de professores que atuam com essa modalidade de ensino, porém, o que podemos constatar é que apesar desse índice ter se elevado neste ano, o número de escolas que oferecem a EJA foi reduzido, fator esse que nos inquieta, pois, se as escolas foram reduzidas, conseqüentemente as turmas formadas são mais numerosas, tornando assim, o trabalho do professor ainda mais desafiador. Nesse sentido:

Não basta garantir a jovens e adultos, pouco ou não escolarizados, a oferta de oportunidades educacionais adequadas as suas necessidades, expectativas e especificidades, [...] a oferta de oportunidades educacionais por si só (ainda que essas sejam formatadas em conformidade com as necessidades, expectativas e especificidades do público para o que se voltam) pode não ser suficiente para garantir o êxito dos alunos, entendido como permanência e conclusão do nível de ensino ofertado (SOARES, 2006, p.37).

Desse modo, não basta oferecer a oportunidade de ingresso no processo de escolarização, deve-se criar condições que propiciem a entrada e frequência desses alunos, de modo que a sala de aula ofereça condições básicas para que o processo de

ensino-aprendizagem ocorra, sendo assim, essa deve ser ampla, com boa iluminação e deve disponibilizar materiais didáticos que favoreçam para o processo de escolarização.

Portanto, percebemos que as iniciativas de escolarização para jovens e adultos em Queimadas/PB ainda apresenta sérios desafios que urgem ser superados, pois, apesar do índice de alunos que se matriculam na EJA ter elevado, o que se observa é que as condições para a boa execução desse trabalho ainda é bastante precária, uma vez que, aumenta-se o número de alunos e diminuem-se os espaços físicos que oferecem essa modalidade de ensino. Tais aspectos terminam por dificultar ainda mais a busca por escolarização, principalmente, por parte das mulheres que residem na zona rural, que precisam percorrer uma distância maior para chegarem à escola.

### **3.1. A presença da mulher no processo de escolarização em Queimadas/PB: histórias interditas**

De acordo com dados fornecidos pela secretaria de educação do município, o número de matriculados na EJA em 2014 foi de 2.827 alunos, destes, 1.302 são homens e 1.525 são mulheres. Os dados revelam que há uma presença maior de mulheres na EJA, o que revela que as novas gerações do sexo feminino estão conseguindo contornar uma situação histórica de desigualdade (NOGUEIRA, 2006), visto que há algumas décadas o índice de analfabetismo era maior entre as mulheres, uma vez que, estas foram injustiçadas, discriminadas e subordinadas pela sociedade preconceituosa e machista, conforme destacam Soares e Nogueira (2006):

Os elevados índices de analfabetismo feminino, presentes no grupo etário mais velho da população, deveriam ser motivos suficientes para que se priorizem, nas políticas públicas voltadas para o atendimento das pessoas jovens e adultas, as mulheres inscritas nesse grupo, em cumprimento ao princípio constitucional que lhes assegura o direito à educação. Entretanto, se no contexto mais geral da área da Educação de Jovens e Adultos, nos deparamos com a ausência de uma política nacional articuladora das mais variadas experiências, projetos, iniciativas e ações que tentam, hoje, assumir as demandas da EJA, a situação não poderia ser melhor para essas mulheres. Em decorrência da ausência dessa política e da terceirização da área, o resultado dessa diversidade acaba se traduzindo em ações “fragmentadas e desarticuladas”. (SOARES; NOGUEIRA, 2006. p. 72).

Concordamos com Nogueira (2006) quando afirma que o direito à educação, à igualdade de condições para acesso e permanência na escola e à igualdade entre os sexos, expressos na Constituição Federal vigente, por si só não garantem aos sujeitos a

inserção e a permanência escolares. A partir das histórias das mulheres participantes da presente pesquisa, verificamos que o que contribui para dificultar o acesso e permanência na escola, não são apenas os fatores relacionados ao aspecto econômicos (trabalho extra-lar), mas também, fatores que advêm da relação desigual entre os sexos, ou seja, as limitações estão muito mais vinculadas à relação familiar, principalmente, ao cônjuge, conforme veremos nos depoimentos a seguir:

Desde muito nova tive um vida sofrida [...] meus pais eram muitos rígidos e ciumentos e por esse motivo não fui para a escola quando criança, apesar de ter uma professora que dava aula em uma casa próxima da minha. Aos 14 anos depois de muito insistir, meu pai deixou eu estudar naquela escola (casa), porém só passei um mês, pois, meu pai teve que ir para o Rio de Janeiro e mãe não deixou mais nem eu nem meus irmãos estudar, porque ela tinha que cuidar do roçado e dos animais e eu cuidaria dos meus irmãos mais novos. Casei com 20 anos, tive 10 filhos de parto normal. Só voltei para a escola agora aos 70 anos de idade, por muita insistência de minha neta. Mas não passei nem um ano porque meu esposo não gostava que eu saísse todas as noites, apesar da escolar ser em frente a minha casa, para evitar brigas eu resolvi parar de frequentar as aulas (ANTONIA, 73 anos e analfabeta).

História parecida com as de dona Maria da Guia, Francisca da Conceição, Janiely e Rosemary:

Eu tive que parar de estudar por que meus pais me colocaram para trabalhar com 07 anos de idade (limpar mato, catar algodão) e a escola sempre ficava em 2º plano e depois me casei (muito nova), mas meu marido não me deixava continuar os estudos (MARIA DA GUIA, idade, 43 anos).

Eu chorava muito para ir à escola quando era criança, mas meus pais não deixavam, então casei cedo, mas meu marido também não deixou eu estudar (FRANCISCA DA CONCEIÇÃO, 54 anos).

Tive que desistir dos estudos por que me juntei muito nova e engravidei. (JANIELY, 23 anos).

Abandonei os estudos por que me casei nova e não pude continuar os estudos por conta que meu marido não permitia e por não ter onde deixar meus filhos (ROSEMARY, 46 anos).

Tais relatos apontam para a relação intrínseca entre pobreza, analfabetismo e questões de gênero. Ou seja, muitas mulheres não frequentaram a escola, seja pelo fato de terem que trabalhar para ajudar no sustento da família, seja pela inexistência de escolas próximo as suas moradias, seja também pelo fato dos homens (pai e/ou marido) se acharem no direito de proibi-las de estudar. A abdicação escolar e a proibição de não

poder administrar suas próprias atitudes por completo marcaram a vida dessas mulheres, que apontam suas insatisfações acerca da extrema submissão que viviam no passado e da necessidade de deixar a escola para trabalhar. Assim, a submissão aos pais e/ou maridos a que as mulheres eram submetidas foram fatores impeditivos muito mais fortes do que os aspectos econômicos. Como afirma CARVALHO (2003), “os homens conscientes de que são detentores de uma autoridade que lhes é conferida pela sociedade patriarcal, a exercem de forma irracional, não com autoridade, mas com autoritarismo, provocando a apatia pela destruição da estima ou uma revolta latente”.

Apesar do machismo fruto da sociedade patriarcal ainda ser muito presente, especialmente, aqui na nossa região nordeste e nas cidades pequenas do interior, esse quadro aos poucos vem sendo modificado, graças às lutas empreendidas pelos movimentos feministas pela igualdade de direito entre os sexos no que se refere ao direito a educação, as condições de trabalho e remuneração, a divisão social do trabalho doméstico, a responsabilidade da educação dos filhos de forma compartilhada, etc. Tais lutas buscam superar o estereótipo de que o papel da mulher se reduz apenas as atividades do lar (dona de casa) e a vocação para a maternidade. É nessa perspectiva que as falas a seguir se apresentam:

Uma das maiores dificuldades pra mim está aqui, é enfrentar os desaforos do meu marido, pois, se fosse pela vontade dele eu não viria para a escola, mas eu não vou fazer os gostos dele, né? (rsrsrs) esse tempo já se foi (DALVANIRA).

Minha maior dificuldade é enfrentar os reclames do meu marido, pois, ele não queria que eu estudasse (MARIA).

A maior dificuldade é fazer todas as minhas obrigações e ainda escutar as piadinhas do meu marido, mas eu não vou ficar em casa o dia todo só limpando e cozinhando, eu venho assim mesmo, aqui tenho minhas amigas para desabafar um pouco (MARIA ELIADA).

Essas narrativas nos fazem constatar que mesmo com tantas barreiras a serem enfrentadas as mulheres aos poucos estão se empoderando, superando assim o estado de submissão a que seus maridos as colocavam. Como afirma CARVALHO (2003, p.64):

A forma de a mulher emergente atuar o mundo tem alterado a segurança de muitos companheiros, namorados, enfim, de familiares do sexo masculino. Estudos sobre masculinidades, que abordam esse fenômeno, indicam que os homens têm se sentido ameaçado no espaço privado. (CARVALHO apud BROD, 1994, p. 64).

Entendemos que a inserção da mulher em processos de escolarização e no mercado de trabalho, fez com que muitos homens se sentissem “ameaçados”, visto que, a partir dos conhecimentos adquiridos através dos estudos e das experiências advindas das experiências vivenciadas no mundo de trabalho, as mulheres passaram a se conscientizar melhor do seu estado de submissão e passassem a lutar por maior independência e autonomia pessoal e profissional.

Apesar do avanço dos direitos conquistados pelas mulheres, estas, ao buscarem a escolarização enfrentam inúmeras dificuldades para freqüentarem regularmente a escola. É possível perceber tal fato a partir do índice de evasão nas turmas de EJA, comumente maior nas mulheres do que nos homens. As narrativas a seguir expressam as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente para poder se fazerem presentes nas aulas:

Trabalho o dia inteiro, só chego em casa as 18hs e ainda tenho que ajeitar o jantar, para poder ir estudar, as vezes estou tão cansada que nem vou (IVANILDA).

Tenho que tomar conta da minha casa e dos meus filhos. Vou todos os dias cuidar dos meus pais que estão velhinhos e que tem problemas de saúde e quando chego em casa para ajeitar a janta meu marido ainda fica reclamando por que ainda vou sair para a escola (MARIA).

Além de passar o dia tomando conta da casa e dos meus netos, só posso ir para a escola quando tenho companhia, porque o caminho é muito escuro e não dá para ir sozinha (IVANIZE).

A minha maior dificuldade de vir para a escola todos os dias é ter que cuidar da casa, dos filhos e ainda trabalhar fora (MARIA DAS VITORIAS).

Além de uma rotina diária de trabalho exaustiva que dificulta a frequência ativa em sala de aula, muitas dessas mulheres ainda têm que se deparar com a proibição de estudar imposta por seus companheiros.

### **3.1. Expectativas em relação ao processo de escolarização**

Diante as narrativas das mulheres entrevistadas, é notável que a escola significa muito mais que um ambiente no qual se objetiva aprender a ler e escrever, ou adquirir novos conhecimentos, ao nossos olhos e de acordo com as falas obtidas é possível compreender que este é um espaço no qual elas podem exercerem sua autonomia, conversarem sobre fatos ocorridos no seu cotidiano, expressarem seus pensamentos e dúvidas, superando assim muitos dos seus limites, uma vez, que muitas advém de um

passado educacional do qual não se podia questionar ou dialogar a respeito do tema estudado, além de todas essas modificações no contexto educativo é através da escola “estudo” que elas estão superando o estado de serem consideradas subalternas, adquirindo assim um espaço significativo perante a sociedade.

É seguindo essa ordem de raciocínio que as narrativas a seguir apontam para as afirmativas mencionadas no parágrafo anterior:

Voltei a estudar porque quero aprender a usar a internet e também tenho sonho de fazer o ENEM e conseguir entrar na faculdade, quero fazer engenharia civil, gosto muito da área de construção. Eu acho que nós mulheres temos mais vontade de estudar do que os homens temos mais força de vontade de estudar do que os homens (ROSA).

Agora já sei escrever um pouco, tenho muita vontade de aprender e já sei até conferir o troco. Se eu conseguir ler e escrever um texto já vou me sentir realizada, tenho uma filha que me incentiva a vir à escola. Eu gosto de estudar porque levanta minha autoestima, só faltou à aula quando não tenho como vir mesmo. Já saio da aula pensando em voltar no outro dia, trago comigo também o filho do meu irmão que mora comigo e tem síndrome de down (GILDA).

Casei novamente e meu marido é formado e me incentiva a vir à escola, minha filha que mora fora também. Meu principal objetivo é ter uma boa leitura e arrumar um emprego melhor (GILZA).

Quero aprender mais para ter um futuro melhor e ir para universidade. Estudo junto com meu esposo, um incentiva o outro, e isso motiva nossa permanência na escola (VERA).

Querer aprender mesmo para fazer um facebook e depois quero fazer o ENEM para entrar na universidade. Todos os dias antes de sair para trabalhar faço cinco (05) frases no meu caderno para ir aprimorando a escrita e a leitura, mesmo que minha filha não me ajude, sei que vou conseguir, pois minha professora é paciente e sempre está nos ajudando (FÁTIMA).

As narrativas das mulheres participantes da pesquisa demonstram que mesmo com tantas barreiras a serem enfrentadas, essas mulheres aos poucos estão superando o estado de submissão imposto muitas vezes pelos companheiros e/ou pelo fato de as mesmas colocarem seus sonhos e desejos em segundo plano. Buscam assim, mesmo que ainda de forma sutil romper com o estado de silenciamento a que foram submetidas, a partir do resgate da autoestima e do exercício do processo de autonomia, uma vez que o processo de escolarização tem contribuído para as mesmas se sintam mais autônomas no exercício da vida cotidiana, como fazer compras, ir ao médico, se pronunciarem em público, bem como sonhar com um emprego melhor e/ou futuramente fazer um curso superior.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a inserção da mulher no processo de escolarização nos remete a vários questionamentos os quais nos impulsiona a refletir e questionar sobre os “direitos” conquistados pelas mulheres no decorrer da história, como por exemplo: Será que as mulheres, apesar de tantas lutas e conquistas, realmente estão conseguindo reverter o quadro de submissão a qual foram e são submetidas historicamente?

Percebemos a partir das narrativas das mulheres interlocutoras da pesquisa, elementos que evidenciam uma forma de naturalização do papel social da mulher na sociedade, já que elas não questionam as responsabilidades que lhes foram atribuídas ao longo de suas vidas. Assim, buscando refletir sobre a história de vida dessas mulheres a partir da perspectiva de gênero, é possível perceber que suas trajetórias estão cheias de heranças sociais e históricas que definem seus lugares na sociedade. O machismo, a necessidade de arcar com as responsabilidades familiares advindas do casamento e da maternidade, ou mesmo no lar familiar de origem; a necessidade de trabalhar para ajudar ou até mesmo manter as despesas familiares, etc, são elementos que demonstram que as condições desiguais a que as mulheres se submetem para seu retorno e permanência na escola são obstáculos constituídos socialmente e relacionados estreitamente à condição feminina. Porém, como afirma Barbosa (2013, p. 113), “essas mulheres, ao naturalizar tais desafios sob suas perspectivas pessoais não percebem que são desafios comuns postos a elas enquanto mulheres, em alguns casos, pobres, negras ou pardas”.

Entretanto, os estudos que temos realizado sobre a temática tem demonstrado que o processo de escolarização na vida das mulheres é algo extremamente importante para a melhoria da qualidade de vida das mesmas, nos diversos aspectos: na superação do machismo, na busca por igualdade de gênero, na melhoria das condições de escolarização dos filhos, etc. Os estudos demonstram também que apesar de todos os conflitos e dificuldades enfrentadas pelas mulheres, é possível dizer que estas estão superando gradativamente o estado de submissão imposto por uma sociedade machista.

Em relação ao significado pela busca de escolarização, no contexto das relações sociais de gênero, pode-se concluir que as mulheres cada vez mais estão retomando a atividades que antes lhes eram negadas, fazendo-nos perceber que as relações de desigualdades e hierarquias entre os gêneros estão aos poucos sendo superadas, porém é

necessário afirmar que essa luta por igualdade de direitos ainda tem um grande caminho a ser percorrido.

Nesse sentido, percebemos a grande necessidade de elaboração de projetos que desenvolvam um processo pedagógico na direção do fortalecimento da mulher, através da valorização de suas práticas sociais, buscando superar o machismo ainda predominante na sociedade. Em relação a minha experiência enquanto educadora da EJA posso afirmar que os estudos sobre gênero contribuíram para um repensar sobre a minha prática pedagógica, uma vez que, estes me proporcionaram estudar sobre a história das mulheres no decorrer do processo histórico e a repassar meus conhecimentos sobre o determinado assunto para os demais alunos, valorizar e compreender ainda mais as diversas realidades e dificuldades enfrentadas e superadas pelas mulheres/alunas de EJA para se fazerem presentes nas aulas diariamente.

Este também me proporcionou fazer modificações nas elaborações de minhas aulas, uma vez que ao apresentar conteúdos que envolvem a questão de gênero (história das mulheres no Brasil, o papel da mulher perante a sociedade contemporânea, o comportamento machista dos brasileiros, etc.) estava abordando temas que fizeram parte da história de vida dessas mulheres/alunas, fazendo-as perceber que a superação desses problemas depende da luta de diária das mulheres, seja na educação dos seus filhos, seja na relação com seus companheiros e/ou no seu cotidiano.

Vale ressaltar que a partir dos estudos, observações e entrevistas realizadas com a turma, foi possível fazer um momento para homenagear essas mulheres guerreiras, denominado de “Homenagem as mulheres guerreira de Quixabas”, no qual convidamos a comunidade para prestigiar esse momento, o encontro tinha como objetivo apresentar um pouco da trajetória de vida de cada uma dessas mulheres que fazem parte dessa turma de EJA, sendo estas realizadas através de apresentações em slides, no qual os alunos (homens) da turma ficaram responsáveis para fazer uma explanação dos fatos históricos das mulheres.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, J. S. de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. In: **Revista Bras. Est. Pedagógicos**. Brasília, V. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr, 2000.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ARROYO, M. Educação de Jovens e adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Autêntica: São Paulo, 2005.

BARBOSA, Ana Rita. **As repercussões da Educação de Jovens e Adultos – EJA na vida de mulheres no município de Barra de Santana-PB**. Campina Grande, PB: UFCG/PPGSC, 2013 (Dissertação de Mestrado).

BASTOS, Ludmila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL. IBGE/Censo Demográfico 2010.  
Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em: 06 de Junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação: **Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000.

CARVALHO, Maria; PEREIRA, Maria. **Gênero e Educação**: múltiplas faces. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

HADDAD, Sérgio. Educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BRZEZINSKY, Iria (org.). **LDB interpretada**: diversos olhares que se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1998.

LEITÃO, Eliane Vasconcellos. **A mulher na língua do povo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

LISBOA, Vinícius. Analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas, aponta IBGE. In: **EBC/Agência Brasil**, 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/g>

MACHADO, Charliton J. S. [et. al.]. **Gênero e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. **Mulheres adultas das camadas populares**: a especificidade da condição feminina na busca por escolarização. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2006. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, I. B. Pensando Currículo na Educação de Jovens e Adultos. In: PAIVA, J. OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

ROSEMBERG, F. Caminhos cruzados: **educação e gênero na produção acadêmica**. Educação e Pesquisa. V.27, n.1. Fundação Carlos Chagas e PUC-SP. São Paulo, jan./jun., 2001.

RORIGUES, Rubens. (org.). A contribuição da Escola na trajetória de jovens e adultos. In: **Raízes da política brasileira e Educação de Jovens e Adultos**: Úrsula Paula da Silva. Curitiba: Editora CRV, 2009.

SOARES, Leôncio. Gomes. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **Quando adultos voltam para a escola**: Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, J. Santos; SALES, S. Regina (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas**. Rio de Janeiro: NAU Editora: EDUR, 2011.

VALE, Elizabete C. **A educação de jovens e adultos nos contextos de escolarização e as possibilidades de práticas educativas emancipatórias**. Rio de Janeiro: UERJ/PROPEd, 2012 (Tese de Doutorado).

#### ABSTRACT

This research was developed with the young women women in the first segment of the Youth and Adult Education / EJA, the city of Fires / PB, with the central objective to reflect on the influence of the female condition in the pursuit of education, focusing on how much and how school education has changed the quality of life of these women and how this impacts on their social integration. Thus their work covers qualitative research elements and is used for data collection semi-structured interview, therefore, the interpretation and analysis of data occurred through the interviews in order to analyze and compare the data to the theoretical context and in that sense the results show that even coming from a past history marked by difficulties and personal devaluation, gradually, women are outperforming the state of submission that were submitted, the historically male-dominated society. In this sense we consider that women's schooling process has contributed mainly to the rescue of their self-esteem and a greater empowerment of the same.

Keywords: Adult education. Women. Schooling.

## APÊNDICE

### Apêndice 1: Questionário aplicado com as alunas

**Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

**Orientadora:** Elizabete Carlos do Vale

**Aluna:** Maria Leidiane Araujo Silva

**Escola:** \_\_\_\_\_

### Questionário a ser aplicado com as alunas

Data: \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_ Ano \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Estado civil: ( ) solteira ( ) casada ( ) viúva ( ) divorciada ( ) outros.
3. Tem filhos? ( ) Sim ( ) Não Quantos? \_\_\_\_\_
4. Profissão/ Ocupação? \_\_\_\_\_
5. Situação empregatória: ( ) carteira assinada ( ) diarista ( ) autônoma ( ) sem carteira assinada.
6. Quando começou a estudar? \_\_\_\_\_
7. Abandonou os estudos alguma vez? \_\_\_\_\_ Quantas vezes? \_\_\_\_\_
8. Porque parou de estudar/motivos: ( ) necessidade de trabalhar ( ) desestímulo/desinteresse ( ) mudança de endereço ( ) filhos ( ) outros.
9. Porque veio fazer a EJA: ( ) único horário que pode estudar ( ) concluir os estudos mais rápido ( ) ter uma melhor formação para ajudar os filhos ( ) melhorar a autoestima ( ) outros motivos.
10. Ao concluir seus estudos, pretende fazer o que: ( ) vestibular ( ) curso profissionalizante ( ) concurso ( ) mudar de profissão ( ) parar de estudar.

**Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

**Orientadora:** Elizabete Carlos do Vale

**Aluna:** Maria Leidiane Araujo Silva

### Apêndice 2: Roteiro de entrevista a ser aplicado com as alunas

Escola: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Quantidade de filho(s): \_\_\_\_\_

Profissão/ Ocupação? \_\_\_\_\_

- 1- Por qual motivo você parou de estudar?
- 2- Quando criança estudou até que série?
- 3- Quanto tempo você ficou afastada da escola antes de retomar seus estudos na EJA? Quais foram as dificuldades enfrentadas para voltar a estudar?
- 4- É a primeira vez que você frequenta a turma de EJA? Se não, quantas vezes você se matriculou nesse programa de ensino?

- 5- O que fez você retornar a escola?
- 6- Quais são seus objetivos e expectativas em relação à escola, agora que voltou estudar?
- 7- O que lhe motiva a permanecer na escola?
- 8- À volta a escola tem alterado sua qualidade de vida dentro da sociedade? Em que?
- 9- Sua família contribui para sua permanência na escola?
- 10- Em sua opinião estudar é mais difícil para a mulher? Por quê? Como a escola pode facilitar esse processo?

### Apêndice 3: Fotografia das mulheres/alunas de EJA





